

UMA ANÁLISE SOBRE A INFLUÊNCIA DA INTERNET NA SOCIALIZAÇÃO E FORMAÇÃO ESCOLAR DOS JOVENS: pistas para repensar o ensino de História

CINTHIA CRISTINA DE OLIVEIRA MARTINS*

RESUMO:

Este trabalho apresenta os resultados parciais de uma pesquisa que está sendo desenvolvida no município de Uberlândia desde o início de 2010 com financiamento da FAPEMIG, com o objetivo principal de compreender a relação entre os artefatos da cultura contemporânea, a prática docente no ensino de História e a formação histórica dos jovens, trabalhando com alunos de 7º anos de 4 escolas de perfis distintos, sendo essas uma municipal, duas estaduais, e uma particular. Detive-me na análise de uma temática específica, que faz parte deste projeto como um todo, que é a relação dos jovens estudantes com os artefatos culturais digitais, mais especificamente, com sites da internet. Para isso apresento o perfil de consumo destes artefatos por parte dos estudantes participantes da pesquisa, que evidencia que a grande maioria possui pelo menos um computador em casa, a partir do qual acessa a Internet. Quando questionados sobre para que se conectam à Internet, a maioria afirmou ter, como intenção principal, se comunicar com os amigos através de redes sociais, além de acessar vídeos de entretenimento através do Youtube. Quanto ao uso da Internet para pesquisa escolar, os jovens afirmam ser esta a sua fonte preferida de consulta.

PALAVRAS-CHAVE: Ensino de História, Internet, cultura juvenil.

* Graduanda no Curso de História do Instituto de História da Universidade Federal de Uberlândia – INHIS/UFU. Bolsista da PIBIC/CNPQ/UFU (Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica), anuário 2012/2013, sob orientação da Profa. Dra. Aléxia Pádua Franco, professora na Faculdade de Educação da Universidade Federal de Uberlândia – FACED/UFU.

INTRODUÇÃO

...este novo século parece indicar um crescimento do papel das novas mídias na formação educacional dos cidadãos, ocupando espaços cada vez maiores dentro e fora da escola... (CERRI, 2002)

Pensar o ensino de História como monolítico é ignorar que ele se caracteriza como uma disciplina com múltiplas funções sociais, que se transformam e se adaptam às mudanças sociais e culturais que a ação humana, ao longo dos anos, proporciona. Como afirma Cerri (CERRI, 2002, p.196) “(...) pensar historicamente no ensino de História é dedicar-se ao estudo das formas e dos processos pelos quais são constantemente feitas e refeitas as múltiplas consciências da História ao longo do tempo”. Conforme este pesquisador do ensino de História, um dos objetivos desta disciplina escolar, na atualidade, é a construção do senso crítico dos cidadãos, contribuindo para que eles se tornem capazes de significar historicamente suas experiências, formar opiniões e pensar no seu agir com autonomia e responsabilidade social.

Os meios de comunicação contemporâneos como televisão, internet, jornais impressos e eletrônicos transmitem informações atualizadas sobre diferentes espaços e grupos sociais, de forma rápida e globalizada; fato que pode fazer com que a informação fique fragmentada no momento em que não é feita uma contextualização desta. Se o espectador não possuir um conhecimento histórico mínimo sobre o fato noticiado ele ficará preso à opinião de quem formulou a notícia, e não conseguirá se posicionar livre e criticamente sobre o assunto. Assim, ainda pensando na pluralidade de funções que a disciplina de História carrega consigo, os professores dessa, além de transmitir os conteúdos predeterminados pelo currículo, precisam relacioná-los às experiências socioculturais vivenciadas por seus alunos, para que eles se reconheçam como agentes da história; ou seja, para contribuir com os estudantes, no sentido

deles se tornarem capazes de relacionar o passado com o presente, os conhecimentos adquiridos fora e dentro da escola, e, como consequência disso, de pensar no seu agir para a construção de um futuro condizente com as necessidades e interesses da coletividade em que eles se inserem. Cerri trabalha com a relação intrínseca entre o ensino de História e as experiências além da sala de aula, ao afirmar:

É importante compreender a História que se aprende fora da relação pedagógica escolar, porque ela é apenas um dos momentos do aprendizado da História por parte dos alunos: muitos dos seus conhecimentos sobre o tempo, sobre identidade, sobre o passado, são aprendidos antes, fora e concomitantemente ao ensino formal. (CERRI, 2002, p. 196)

Com a evolução tecnológica, os professores têm a seu dispor meios de ministrar aulas mais interativas, para tentar prender a atenção dos alunos no conteúdo e os atrair ao estudo através do uso de *datashow*, som. Com o uso destas ferramentas, o professor pode apresentar aos seus alunos múltiplas fontes históricas (documentários, fotos, músicas, entre outras). Entretanto, esse incorporar das novas tecnologias nas aulas não significa que essas se tornem melhores que as tradicionais como o livro didático e o quadro negro, pois tanto uma como a outra podem se restringir à mera transmissão de conteúdos desconectados das experiências dos alunos, apresentados como verdades inquestionáveis, ou trabalhar os conhecimentos históricos e suas fontes como construções histórico sociais que precisam ser problematizadas na relação com o presente vivenciado pelos alunos. Como afirma Santos Júnior:

Vivemos numa sociedade onde a cada segundo, milhares de informações são oferecidas diariamente aos nossos jovens, configurando uma nova visão cultural na qual dimensões geográficas, línguas estrangeiras e encontros com diversos tipos de objetos não se tornam empecilhos para comunicação, exercendo assim, influência constante sobre os saberes dos jovens. Constatando esta influência como problemática, torna-se função da escola buscar novas estratégias e novos olhares para tal prática, atendendo as demandas futuras, tendo de crescer em número e em complexidade para anuir relevância que possam ter significância no cotidiano dos educandos. (SANTOS JUNIOR, 2008, p.116)

Neste contexto, profissionais da educação e pesquisadores formulam questões importantes sobre a relação entre o processo de aprendizagem e as tecnologias de comunicação e informação : “o uso das novas tecnologias em sala de aula garante que os alunos transformem o excesso de informações veiculadas em seu cotidiano em conhecimento significativo para

sua vida, para seu pensar e agir social?"; "Será que os alunos conseguem relacionar as notícias e conteúdos veiculados na internet àquelas acessados na escola?"

A partir destes questionamentos sobre a relação entre o saber escolar e os artefatos da cultura contemporânea, que podem ser os meios midiáticos, a linguagem e a dinamicidade contemporânea, foi elaborado o projeto de pesquisa intitulado "A formação da consciência histórica em estudantes da educação básica: entre manifestações da cultura contemporânea e as culturas escolares"¹, que tem como intenção compreender os processos formativos e de socialização a que os jovens estão submetidos na atualidade; quais fontes de saber histórico que são privilegiadas na sua formação dentro e fora da escola, e quais recursos são mobilizados no processo de formação de sua consciência histórica. Lembrando que conforme o conceito de consciência histórica problematizado por Cerri a partir da leitura de Rüsen (RÜSEN, 1992), a consciência não é algo que deva ser alcançado, havendo um nível que separe os portadores de tal dos não portadores; pelo contrário, consciência é algo inerente ao ser humano, o que diferencia cada indivíduo é a forma como cada um consegue relacionar suas experiências já vividas com seu presente, para a partir disto pensar no seu agir. Como fica evidente nesta passagem:

O que, em suma, o conceito de consciência histórica oferece para o ensino de história? Em primeiro lugar, afasta-se uma visão voluntarista e messiânica que, sob diferentes formas, proponha a "conscientização histórica" dos "sem-consciência" porque, como argumentamos, isso não existe (...). No quadro atual, com o que sabemos a partir das pesquisas empíricas que estão apenas em seu início, ensinar história considerando a consciência histórica é desenvolver atividades que permitam que o educando conheça história – de preferência a história que, de forma mais aproximada, seja sua história – ao mesmo tempo que conhece diferentes formas pelas quais se lhe atribuiu significado. (CERRI, 2011, p.128-130).

¹ Esta pesquisa, financiada pela FAPEMIG, faz parte de um projeto maior e interinstitucional financiado pelo CNPq e coordenados pela Profa. Dra. Ernesta Zamboni – FE/UNICAMP, intitulado *Peabiru: ensino de História e cultura contemporânea*. Peabiru é o nome do caminho construído pelos povos Tupi-Guarani em períodos anteriores à colonização e significa "o caminho do sol". Segundo explicam os Guarani e Tupi-Guarani da atualidade, esse caminho foi para estabelecer uma ligação entre estes povos com grupos indígenas que viviam na América Espanhola. A imagem do Peabiru foi utilizada para evidenciar os caminhos de aproximação entre pesquisadores da região sul, sudeste e nordeste do Brasil e da Argentina que participam da pesquisa.

Neste artigo, apresento reflexões elaboradas a partir dos dados coletados, entre os anos 2010 e 2011, em duas escolas estaduais, uma escola municipal e uma escola particular, todas localizadas no município de Uberlândia, com o intuito de traçar o perfil sociocultural dos alunos dos sétimos anos, do ensino fundamental. Diante da riqueza e multiplicidade destes dados, foi necessário definir um recorte que guiasse a leitura e análise destes: o acesso que alunos têm aos artefatos culturais digitais, entendendo esses como computadores e todo o material disponível na internet, nos sites de busca, sites de relacionamentos, sites de jogos, entre outros; as convergências e divergências entre os resultados de cada escola.

Para traçar o perfil dos jovens estudantes da cidade de Uberlândia, foi realizada a seleção das escolas que poderiam ser utilizadas como campo de observação deste, a fim de ter contato com um maior leque de perfis de jovens e de formas de ensino, por este motivo foram selecionadas duas escolas estaduais da cidade, uma municipal e uma particular², todas localizadas no município de Uberlândia, e totalizando 356 alunos participantes. As escolas estaduais e municipais, por serem públicas, atendem a um público majoritariamente das classes C, D, E conforme classificação do IBGE. Já os estudantes da escola particular são, na sua maioria, das classes A e B. Na EEI e na EP, há laboratórios de informática com acesso à Internet, os quais os alunos podem usar fora do período de aula, sem a presença do professor. Na EM, o laboratório só pode ser usado com a presença do professor e na EEII, não há laboratório de informática aberto para o público.

Para obter tais informações foi realizada a aplicação de questionários e de observações empíricas no cotidiano escolar, por parte dos membros do projeto, com o objetivo de formular análises sobre a realidade escolar no nível fundamental, a influência da cultura contemporânea nessa realidade e o perfil cultural dos jovens e seus professores de História.

PERFIL DOS ESTUDANTES DOS 7º DO ENSINO FUNDAMENTAL

² Por uma exigência do Comitê de Ética da Universidade Federal de Uberlândia, chamarei as escolas trabalhadas por nome fictício com o intuito de preservar a identidade destas. Por este motivo as chamarei de Escola Estadual I (EEI), Escola Estadual II (EEII), Escola Particular (EP) e Escola Municipal (EM).

O questionário aplicado aos alunos participantes desta pesquisa era composto por 46 questões, que variavam entre abertas e fechadas, e indagavam sobre diversos aspectos sobre seu consumo dos artefatos culturais contemporâneos, como televisão, rádio, jornais impressos, revistas, internet, entre outros. Neste artigo, conforme recorte apontado anteriormente, me detive na análise das questões relacionadas ao consumo da internet para observar quanto os jovens estão acessando a internet, o que procuram na rede, e como isso está afetando sua formação, enquanto cidadãos e estudantes. Este tema é polêmico, pois alguns pais e professores desconfiam da associação entre estudo e internet, enquanto este é muito citado pelos alunos, nas respostas do questionário, afirmando que esta é uma forma de diversão e auxílio para a realização de seus trabalhos escolares.

Os jovens que preencheram o questionário informaram ter entre 10 a 16 anos, todavia prevalecem aqueles que têm entre 11 e 13 anos. Este dado revela que estamos trabalhando com jovens, pois como a Organização Mundial de Saúde afirma jovens são aqueles inseridos numa faixa etária que vai de 10 a 19 anos.

A questão 23 do questionário, com o objetivo de observar a posse, ou não, de computadores pelos alunos dos 7º anos, em cada instituição de ensino indagava sobre a quantidade de computadores que estes possuem em suas casas, indicando cinco opções para escolha: nenhum computador, um computador, dois computadores, três computadores, quatro ou mais computadores. O gráfico a seguir sintetiza os dados levantados:

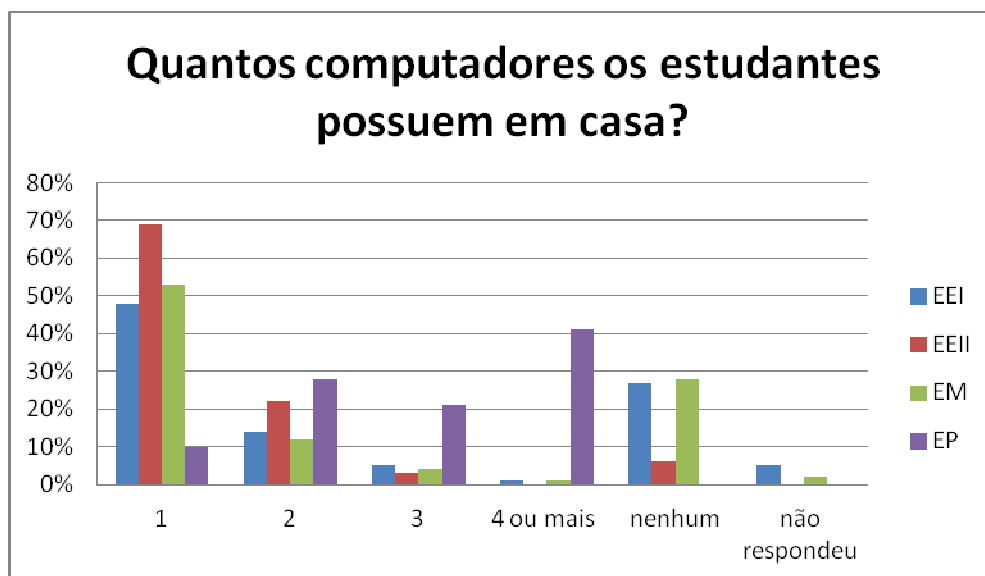


GRÁFICO 1: Quantos computadores os estudantes afirmam possuir em suas casas?

Ao analisar o gráfico 1 observamos que a maioria dos alunos das escolas públicas (EEI, EEII, EM) onde estudam majoritariamente jovens das classes C, D, E afirmou possuir apenas um computador em casa, enquanto que na Escola Particular, onde a maioria dos alunos pertencem as classes A e B, prevaleceu aqueles que têm quatro ou mais computadores em casa. Todavia, a questão que deve ser ressaltada neste gráfico é o fato de, em todas as escolas, a maioria dos alunos possuírem um ou mais computadores em suas residências

A questão 24 solicitava que os alunos dos 7º anos informassem se acessavam ou não à internet em suas casas, escolhendo entre a opção SIM e NÃO. Os dados coletados foram sintetizados no gráfico 2.

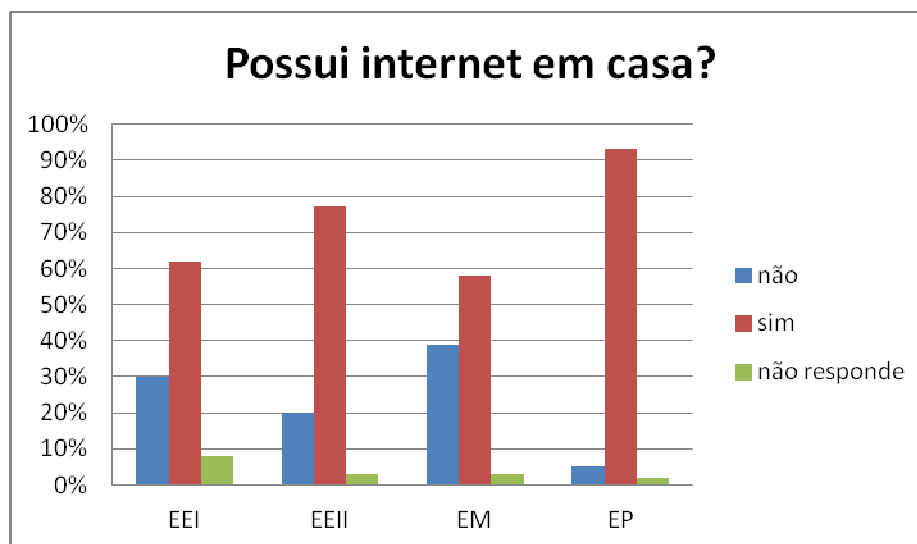


GRÁFICO 2: Os estudantes possuem, ou não, internet em suas casas?

O gráfico 2, ao evidenciar que a grande maioria dos alunos de todas as escolas possui internet em casa, demonstra que a Internet, mesmo sendo um serviço particular que deve ser assinada e ter seu pagamento efetuado mensalmente, é considerada como complementar ao uso do computador, pois os resultados daqueles que afirmam possuir computador em casa (gráfico 1) se aproxima daqueles que afirmam possuir os serviços de internet.

A questão 26, com a intenção de conhecer a frequência com que os jovens que cursam os anos finais do ensino fundamental se conectam à internet, apresentou cinco opções de escolha: acesso todos os dias, toda semana, todo mês, raramente, não acesso.

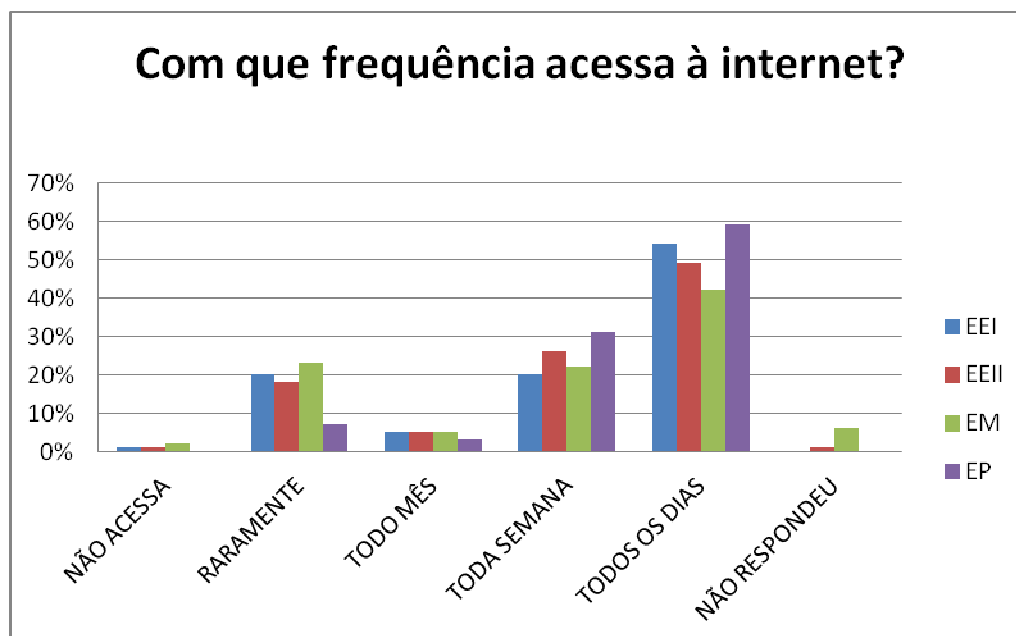


GRÁFICO 3: Com que frequências os jovens afirmam acessar à internet?

O gráfico 3, produzido a partir das respostas da questão 26, nos mostra que a maioria dos estudantes de todas as escolas observadas afirma acessar a internet diariamente e que menos de 5% deles não acessam à internet. Em outras questões não detalhadas aqui, foi possível perceber que aqueles que não têm computador em casa, conectam-se à Internet nos laboratórios de informática das escolas, em *Lan Houses*, na casa de colegas ou parentes. Estes dados nos remetem a afirmação presente no artigo de Vânia Zuim e Antônio Zuim: “quando perguntamos a alguém se ela já se conectou hoje, o uso desse termo aduz a lei fundamental de uma nova ontologia: quem não se conecta não é percebido e, portanto, não existe, (...)” (ZUIM; ZUIM, 2011, p.232.). Em outras palavras, hoje, o acesso frequente à internet e aos serviços disponíveis nela é uma forma das pessoas, os jovens nesse caso específico, se mostrarem para as outras como conectadas, logo se mostrarem vivas e ativas para as demais, pois para eles esse uso da internet hoje remete a uma existência num mundo cada vez mais dependente deste serviço.

O gráfico 3 ainda evidencia que uma considerável parte dos estudantes das quatro escolas afirmaram acessar tal serviço toda semana, enquanto que uma outra considerável parte dos

alunos da Escola Estadual I, Escola Estadual II e Escola Municipal afirmaram acessar à internet raramente. Tal questão pode ser justificada, entre outros fatores, pelos limites de tempo de conexão à Internet determinados pelos pais que consideram tal atividade como recreativa e prejudicial a formação juvenil, questão que abordarei melhor a partir dos resultados apresentados no gráfico 4.

A questão 27 aprofunda mais nesta problemática de tempo de acesso à internet, ao solicitar que os jovens informassem, quanto tempo, por dia, estes passam conectados, através da escolha de uma entre sete opções: Até uma hora, de duas a três horas, de três a quatro horas, de quatro a cinco horas, de cinco a seis horas, mais de seis horas, não se conecta. Os resultados obtidos foram sintetizados no gráfico 4, apresentado a seguir.

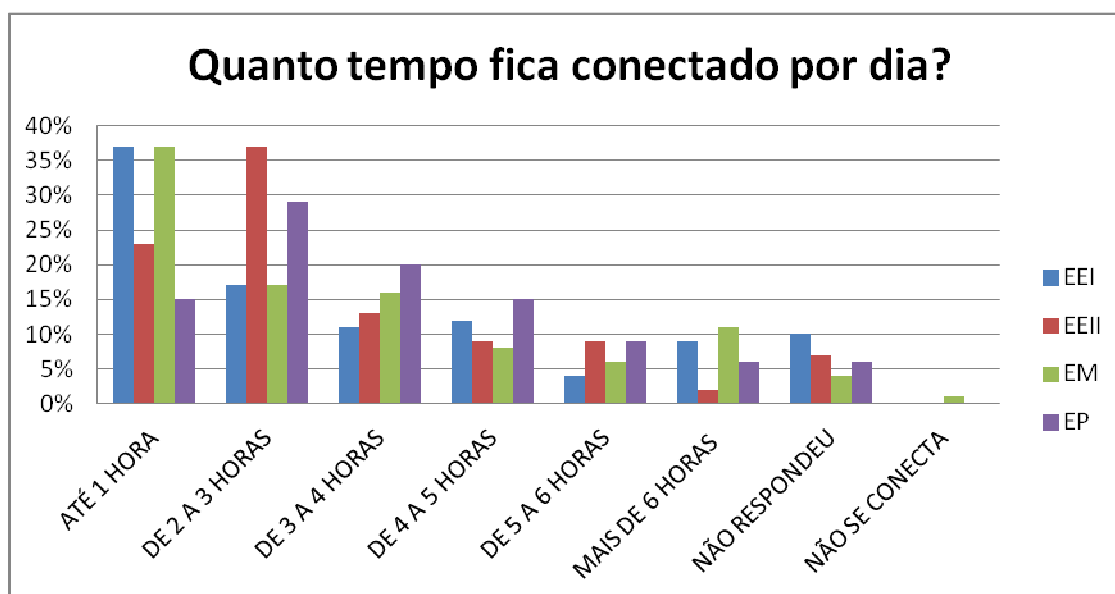


GRÁFICO 4: Quanto tempo os estudantes afirmam ficar conectados por dia?

O gráfico 4 evidencia que os alunos dos anos finais do ensino fundamental, no geral, não passam muito tempo conectados à internet, diariamente. A maioria dos alunos da Escola Estadual I e a grande maioria dos alunos da Escola Municipal afirmaram se manterem conectados por até uma hora por dia. Uma justificativa para este resultado, evidenciando que os alunos ficam conectados por tão pouco tempo, seria o fato de os pais desses jovens não permitirem que seus filhos passem muito tempo acessando a internet por associarem tal

atividade à lazer e distração. Tal questão é apontada pelos pesquisadores Arruda e Siman ao analisarem a relação dos jovens com os jogos digitais:

(...) o grande desafio da escola e dos professores reside no reconhecimento dessa linguagem midiática, na valorização do lúdico como processo autêntico de aprendizagem e no reconhecimento das estruturas cognitivas oriundas de tais tecnologias, para que ela possa criar espaços de diálogos com esse jovem e, inclusive, apresentar proposições, alternativas ao modelo direcionado para o individualismo e consumo. (...) O ponto de partida é o reconhecimento dos jogos digitais como artefatos culturais legítimos, pelos pais e professores. (ARRUDA e SIMAN, 2009, p. 251).

Consideramos que esta constatação a que eles chegaram, na qual legitimam os conhecimentos que podem ser gerados a partir dos jogos digitais, também pode ser associada aos demais serviços disponíveis na internet, como sites de busca, por exemplo. Não estamos aqui afirmando que tudo o que está disponível em tais sites é legítimo e tem que ser aceito como uma verdade incondicional, mas sim que a grande quantidade de acessos que esses sites recebem de jovens que procuram respostas para seus trabalhos de escola, não pode ser ignorada. Se os professores reconhecessem tal fato e auxiliassem os alunos sobre como se apropriar crítica e autonomamente desse conhecimento, eles poderiam contribuir para combater a alienação criada pelos sites que os professores tanto denunciam.

Outro resultado evidenciado pelo gráfico 4 é que os alunos da Escola Estadual II e uma pequena maioria dos alunos da Escola Particular afirmaram se manter conectados pelo período de duas a três horas diárias, o que pode ser justificado pelo fato de os alunos destas duas escolas terem sido os que mais afirmaram possuir mais de um computador em casa.

Em termos gerais, os dados sintetizados através dos gráficos 1, 2, 3 e 4 revelam que existe uma abrangente inclusão digital entre os jovens no Brasil, pelo menos na região sudeste onde a pesquisa foi realizada, independente de sua renda familiar. Inclusão maior entre os jovens da classe A e B que frequentam a escola particular, mas também presente entre mais de 50% dos jovens das escolas públicas. Isto aponta para a necessidade dos profissionais da educação, entre eles os professores de História, elaborarem projetos de ensino aprendizagem que transformem a escola em um centro de apropriação crítica das informações que circulam na rede e das relações sociais aí construídas.

A pergunta 29 do questionário nos fornece mais dados importantes para a elaboração destes projetos.. Com o intuito de conhecer como e para que os estudantes dos anos finais do ensino fundamental utilizam a internet, foi solicitado aos jovens que marcassem, em uma escala de 1 a 5, as atividades que mais realizavam ao navegar na Internet, na qual 1 indicaria ações que eram menos realizadas e 5 as mais realizadas. O gráfico 5 sintetiza os dados coletados em cada instituição de ensino.

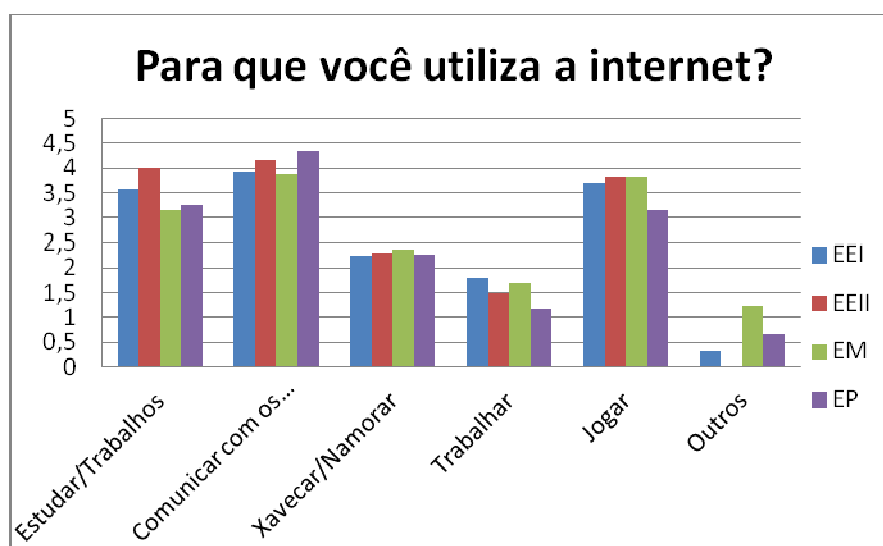


GRÁFICO 5: Para que os jovens utilizam a internet?

O gráfico 5 evidencia que há uma convergência entre as respostas das escolas pesquisadas em relação a intenção dos jovens ao acessar à internet, isto é, em todas elas, prevaleceram as respostas que afirmam que a Internet é acessada, principalmente, para possibilitar a comunicação com amigos e jogar. Ao contrário do que muitos pais e professores afirmam, este uso da Internet com a finalidade de distração e socialização, não é prejudicial para a formação dos jovens. Não apenas Arruda e Siman (ARRUDA e SIMAN, 2009) afirmam que esse lazer também pode ser positivo para a formação cognitiva dos jovens da contemporaneidade; também a historiadora Ramos (RAMOS, 2011), a partir de uma pesquisa que desenvolveu, percebeu que os sites de relacionamento onde os jovens vivem conectados são locais que abrem espaço para expressão e discussão de opiniões diversas sobre múltiplos assuntos e para construção de identidades e vínculos sociais. Segundo ela,

Mais do que uma lista de e-mails ou de nomes cadastrados em um site, uma comunidade virtual envolve a pretensão dos membros em participar voluntariamente, de se envolver, de expor ou trocar interesses, valores, projetos, entendimentos, percepções comuns. Adicionar uma comunidade no orkut, fazer parte dos fóruns, significa tornar públicas as ideias com as quais o usuário se identifica, fazendo com que este pense sobre si, sobre quem é, sobre aquilo que ama ou odeia, sobre o que faz ou não, sobre como se comporta em determinada situação. (RAMOS, 2011, p.296.)

É inegável que esses fóruns de debates ou comunidades virtuais, onde os jovens e todos os usuários de redes sociais se unem a partir de um tema em comum, mostram que eles podem não ser totalmente alienantes como muitos pais e educadores consideram, pois os jovens podem, através delas, pensar na sua posição na sociedade em que vive e questionar o presente de seu país, fato que é o primeiro momento para indagações que auxiliam no interesse de um jovem pela História e pela participação cidadã.

Outro resultado relevante apresentado pelo gráfico 5 é o fato de, na Escola Estadual I e Escola Municipal, a segunda resposta que prevaleceu foi jogar, seguido de estudar ou fazer trabalhos; enquanto que os alunos da Escola Estadual II afirmaram que, em segundo lugar, consideram a Internet importante para estudar ou fazer trabalhos, e em terceiro lugar jogar. Estes dados evidenciam o quanto os jovens utilizam a Internet para realizar suas tarefas escolares, considerando os sites de busca fontes de informação de fácil acesso.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esses são apenas resultados parciais de uma pesquisa que ainda possui muito material para ser analisado e cruzado. Percebemos o quanto a internet está presente na vida dos jovens, tanto para colaborar com a consolidação de suas amizades, a partir dos sites de relacionamento; quanto no que eles consideram como colaboração para a sua formação intelectual.

Estas análises aqui realizadas, apesar de não permitirem pensar diretamente sobre o ensino de História e a formação histórica dos jovens, nos alertam para a importância de verticalizar a pesquisa no sentido de procurar nos sites da internet, nas postagens dos alunos, como estes se apropriam das informações históricas da Internet e outros artefatos e como nesta apropriação

constroem suas consciências históricas que precisam ser consideradas e trabalhadas pelos professores de História, no espaço escolar.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ARRUDA, E. P.; SIMAN, L. M. de C. Jogos digitais, juventude e as operações da cognição histórica. In: FONSECA, Selva Guimarães (Org.). *Ensinar e aprender História: formação, saberes e práticas educativas*. Campinas: Átomo & Alinea/ Fapemig, 2009.p. 231-252.

CERRI, L. F. *Ensino de História e Nação na propaganda do “Milagre Econômico”*. Revista Brasileira de História. V. 22. nº. 43. São Paulo, 2002, p. 195 – 224

_____ O que é consciência histórica. In: CERRI, L. F. (Org.). *Ensino de história e consciência histórica: Implicações didáticas de uma discussão contemporânea*. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2011.p.19 - 55.

SANTOS JUNIOR, N. J. . *Reflexões sobre a cultura midiática na educação física escolar: o que temos e o que tememos?*. Lecturas Educación Física y Deportes (Buenos Aires), v. 12, p. 116, 2008.

RAMOS, Márcia Elisa Teté . Pensamento dos Jovens em Comunidades Virtuais sobre História e seu Ensino. In: CAINELLI, Marlene; SCHMIDT, Maria Auxiliadora.. (Org.). *Educação Histórica: Teoria e Pesquisa*. Ijuí: Unijuí, 2011.p. 293-313.

RUSEN, J. El desarrollo de la competencia narrativa en el aprendizaje histórico. Una hipótesis ontogenética relativa a la conciencia moral. *Propuesta Educativa - Flacso* 4 (7). 1992, Buenos Aires: Miño y Davila Ed., pp. 27-36.

ZUIN, V. G. e ZUIN, A. A. S. *Memória, Internet e Aprendizagem Turbo*. Currículo sem Fronteiras, v.11, n.2, Jul/Dez 2011, pp.221-239.